O ENSAIO COMO IMAGEM DE PENSAMENTO - PENSANDO COM UM LÁPIS NA MÃO

THE ESSAY AS AN IMAGE OF THOUGHT - THINKING WITH A PENCIL IN HAND

EL ENSAYO COMO IMAGEN DEL PENSAMIENTO - PENSANDO CON UN LÁPIZ
EN LA MANO

Wanderson Barbosa Dos Santos¹

<https://doi.org/10.5935/2358-3541.2024138367-pt>

Resumo

Este ensaio apresenta uma reflexão sobre a forma ensaio em Siegfried Kracauer (1889-1966) e seu papel na tradição intelectual alemã. Tendo esta perspectiva como ponto de partida, ensaiamos algumas reflexões que aproximam a obra de Kracauer com as reflexões sobre ensaísmo e teoria do conhecimento em Georg Simmel e Walter Benjamin. Mostraremos ao longo da reflexão a centralidade de um olhar estético para o pensamento sociológico desses autores, tal como o papel de uma ideia de crítica cultural (*Kulturkritik*) para a elaboração de uma teoria crítica nos autores. Ao desenhar uma sociologia ensaística, Simmel, Kracauer e Benjamin demarcam a importância para o pensamento para as pequenas interações do cotidiano, para os detalhes da vida urbana e para os momentos de socialização efêmera.

Palavras-Chave: Ensaio; Kracauer; Simmel; Benjamin.

Abstract

This essay presents a reflection on the essay form in Siegfried Kracauer (1889-1966) and its role in the German intellectual tradition. Using this perspective as a starting point, we explore some reflections that connect Kracauer's work with ideas on essayism and theory of knowledge in Georg Simmel and Walter Benjamin. Throughout the reflection, we demonstrate the centrality of an aesthetic to the sociological thought of these authors, as well as the role of a concept of cultural criticism (*Kulturkritik*) in the development of critical theory by these authors. By sketching an essayistic sociology, Simmel, Kracauer, and Benjamin emphasize the importance of everyday interactions, the details of urban life, and moments of ephemeral socialization to their thinking.

Keywords: Essay; Kracauer; Simmel; Benjamin.

¹ Doutor em sociologia. Professor substituto na Faculdade educação da Universidade de Brasília – UnB. E-mail: wanderson_santos@outlook.com.

Resumen

Este ensayo presenta una reflexión sobre la forma de ensayo en Siegfried Kracauer (1889-1966) y su papel en la tradición intelectual alemana. Tomando esta perspectiva como punto de partida, ensayamos algunas reflexiones que acercan a Kracauer a las reflexiones sobre el ensayismo y la teoría del conocimiento en Georg Simmel y Walter Benjamin. A lo largo de la reflexión, mostraremos la centralidad de una mirada estética para el pensamiento sociológico de estos autores, así como el papel de una idea de crítica cultural (Kulturkritik) en la elaboración de una teoría crítica en los autores. Al trazar una sociología ensayística, Simmel, Kracauer y Benjamin destacan la importancia del pensamiento en las pequeñas interacciones cotidianas, en los detalles de la vida urbana y en los momentos de socialización efímera.

Palabras Clave: Ensayo; Kracauer; Simmel; Benjamin.

INTRODUÇÃO

Olhar para a vida cotidiana como uma obra de arte. Nesses termos, poderíamos definir parte significativa da produção ensaística do sociólogo e crítico cultural Siegfried Kracauer (1889-1966). Autor de uma extensa obra que versa sobre a cultura e a relação entre arte e sociedade, Kracauer foi um pensador alemão que se dedicou à compreensão das transformações do mundo moderno sob uma perspectiva estética. Seus escritos encontram-se na fronteira de importantes perspectivas teóricas. Em primeiro lugar, foi aluno de Georg Simmel e, a partir desse encontro intelectual, investiu na tentativa de entender a vida em sociedade a partir do jogo das interações momentâneas; um pensador que insere no legado de uma sociologia das pequenas manifestações do cotidiano (SANTOS, 2022). Em segundo lugar, Kracauer foi um pensador próximo dos autores vinculados ao Instituto de Pesquisa social de Frankfurt, sobretudo de Theodor W. Adorno. Em parte, seus livros *Os empregados*, de 1930, e *Jacques Offenbach e a Paris de seu tempo* podem ser lidos numa chave de diálogo com o pensamento da teoria crítica da sociedade. Ainda assim, embora seja um autor chave para entendermos os capítulos da história intelectual moderna alemã, Kracauer é um teórico cuja singularidade reflexiva e expositiva merece atenção especial. Do ponto de vista da teoria sociológica, contribuiu para pensarmos a sociologia como uma prática esteticamente orientada para as singularidades da vida. Da perspectiva de uma forma de exposição, Kracauer demonstra as potencialidades do ensaísmo de interpretação; são essas duas perspectivas que abordaremos no

presente ensaio, principalmente a fim de compreendermos a proposta de construção social da realidade de Siegfried Kracauer.

Neste escrito, cujo objetivo é apresentar uma reflexão sobre a forma ensaio, partimos da obra de Kracauer e seus diálogos com Georg Simmel e Walter Benjamin para anotar os pressupostos críticos do ensaísmo e o modo como se estabelece a partir da noção de notas provisórias e rascunhos. O ensaio é uma forma dedicada ao caráter assistemático do conhecimento. Dedicase à cultura, às experiências históricas, ao movimento estético, às formas de arte e ao que é essencial para nosso trabalho: os movimentos de superfície e as pequenas manifestações do cotidiano. Dessa perspectiva, ao olhar para a tradição intelectual alemã de Simmel, Kracauer e Benjamin, desenhamos atributos característicos de uma intelectualidade que se mune do ensaio para pensar sociologicamente as formas provisórias da vida. O título desse ensaio remete a uma observação realizada por Theodor W. Adorno sobre a relação de Simmel e Kracauer. Para Adorno, Kracauer devia a Simmel a característica de refletir articulando um pensamento em movimento cuja imagens, fragmentos, notas e rascunhos buscavam dar conta do movimento vivo dos objetos. Como veremos, a tradição do ensaísmo examinada aqui tem o atributo da apresentação movente de imagens de pensamento como elemento central para sua a forma.

Pensar com um lápis na mão, portanto, remete ao ato de se rascunhar, desenhar, examinar, rabiscar, sempre provisoriamente. A tarefa do ensaísmo é dar vida ao que se mostra como provisório. Nessa perspectiva, a forma ensaio em muito aproxima-se do literato que se preocupa com a beleza estética dos momentos únicos da vida. Pensar com um lápis na mão, para além de exercício estético, foi reabilitado para o pensamento sociológico em uma própria teoria do conhecimento: uma postura intelectual que encara o caráter fragmentário da vida moderna e indica a teia sociológica que conecta os traços da vida cotidiana a uma ideia de totalidade movente.

CORRESPONDÊNCIA SIMMEL E KRACAUER.

Os dois fios que nos ajudam a tecer os argumentos deste texto são: o olhar estético para a vida cotidiana e a forma sociológica do ensaio de interpretação. Tais perspectivas podem ser demarcadas como uma correspondência intelectual entre Simmel, Kracauer e Benjamin. O olhar estético aqui é entendido como uma inclinação

da sociologia da cultura para tomar a arte como objeto de reflexão. O olhar estético para a arte assume os objetos da cultura como meio para a compreensão histórico-social. Já o ensaísmo de interpretação define-se como um procedimento intelectual de exposição provisória da crítica, um movimento constante de interpretação e reinterpretção. A ponte entre Simmel e Kracauer sinaliza uma sensibilidade comum para com os fenômenos de superfície e as configurações da vida cotidiana, tanto que as publicações de Kracauer da década de 1920 são profundamente marcadas pelo gesto sociológico de Simmel, isto é, a compreensão da individualidade efetivamente marcada pelas imposições da cultura objetiva moderna, tal como um entendimento de que as relações humanas assumem um caráter provisório e assistemático (Santos, 2016). Desse prolífero encontro entre os dois autores foi tecida uma concepção particular do saber sociológico, a saber, mais vinculado aos movimentos de interação efêmero que ocorrem nos movimentos da vida cotidiana. Nesse aspecto, os fenômenos fragmentários e de superfície assumem uma centralidade na produção ensaística dos autores, na medida em que, tais manifestações congregam a perspectiva de exposição de uma interpretação estetizada da vida em sociedade, sobretudo ao abarcar na própria forma ensaio uma perspectiva ensaística (Santos, 2022). Pensando a perspectiva de uma história intelectual, a herança simmeliana ainda pode ser vista no caráter antissistemático das reflexões de Kracauer. Os temas organizam-se como peças de um mosaico no qual o encadeamento apresenta-se de forma provisória a partir da ideia de configuração (Santos, 2021). Assim, distante da sociologia cientificista e especializada, Kracauer dedica-se a uma forma de pensamento que encara os “pequenos” objetos da vida cotidiana como fontes para a interpretação da experiência histórica. É nessa perspectiva que Adorno (2009) aprofunda-se no sentido da ideia de que a experiência atua como “*médium*” de pensamento para Kracauer, pois, justamente, é a partir dela que se orienta um “método” de investigação da vida. O sociólogo, orientado por essa perspectiva, trabalha como um detetive em busca de pistas, pequenos vestígios que o ajudam a compreensão da cena. E nesse gesto, Adorno anota a correspondência com Simmel. No ensaio *O curioso realista*, ele sugere:

Devia a Simmel não apenas a capacidade de interpretar fenômenos específicos, objetivos, voltando-se para aquilo que neles, segundo essa concepção, aparece em estruturas universais. Era-lhe, além disso, devedor de uma atitude de pensar e expor que, com demorado desvelo, articula um

elo com o outro, mesmo lá onde eles intermediários atravancam o movimento de pensamento, onde o andamento poderia tornar-se tenso: pensar com o lápis na mão. (Adorno, 2009, p.8).

Para Kracauer, olhar para sociedade e tentar analisá-la traduz um desafio particular de tentar dar conta de um conjunto de interações efêmeras. A partir dessa realidade, cabe ao ensaísta a exposição de panoramas, retratos sociais e “pinturas” da vida cotidiana que tomem o registro do tempo em sua historicidade. Ao pensarmos em tal gesto de pensamento, logo lembramos dos retratos da vida cotidiana característico da fortuna crítica de Simmel. No conjunto de ensaios que compõem a *Cultura filosófica*, Simmel (2020) desenha um rico panorama de situações, comportamentos, paisagens urbanas e de personalidades históricas que preenchem uma ideia da situação moderna. A título de aproximação, no sentido da forma de exposição, o livro de ensaios *O ornamento da massa*, de Kracauer (2009), segue um mesmo espírito de exposição fragmentária de traços da vida cotidiana. Do ato de espera à arquitetura urbana, do comportamento dos empregados aos passos convulsivos da dança contemporânea, Kracauer “fotografa” a vida a partir da sua ensaística. Ensaios de microssociologia, filosofia da cultura, retratos de movimentos do cotidiano, a narração do instante, compõem um mosaico de leitura sobre as formas de vida modernas.

Em *Cultura filosófica*, Simmel ensaia um conjunto de temas, objetos e personalidades estéticas, esboçando e rascunhando percepções. A sua escrita, ensaística, olha para o espírito das coisas, isto é, para os sentidos mais profundos de uma ação. Pensemos, por exemplo, no ensaio sobre *A aventura*, no qual o ato de aventurar-se é visto sob uma perspectiva filosófica da viagem de formação subjetiva na terra. A aventura é uma trama sinuosa que introduz o acaso à vida. Simmel aproxima o aventureiro a outro tipo social, no caso o jogador. O aventureiro e o jogador entregam suas vidas ao acaso, na medida em que se deixam levar por processos singulares de vida. O aventureiro entrega-se para o incalculável da vida.

Ora, o aventureiro, para dizer numa palavra, maneja o que há de incalculável na vida do mesmo modo como nós de costume só nos portamos em relação ao que há de calculável. (Por isso, o filósofo é o aventureiro do espírito. Ele põe em prática a tentativa sem saída, mas não por isso desprovida de sentido, de dar a forma do conhecimento conceitual a uma conduta de vida, à sua disposição frente a si, ao universo e a Deus. Ele maneja o insolúvel como se fosse solúvel.) [...] (Simmel, 2020, pp. 32-33).

A aventura, portanto, é encarada filosoficamente por Simmel como uma forma de vivência, dado por um movimento interativo de superfície. Simmel extrai desses momentos de vivências singulares reflexões que transitam por uma sociologia das pequenas manifestações do cotidiano. Em outro ensaio, intitulado *A coqueteria*, Simmel olha para o ato de seduzir como um jogo no qual as duas partes movimentam-se para a conquista amorosa. O ponto de Simmel é refletir sobre os gestos da conquista como um jogo de sedução orientado por pequenos gestos: o olhar, o movimento das mãos, o caminhar. Essa sociologia de superfície emerge mesmo nas interações que se dão de forma mais breve na vida social, pois Simmel observa nela os fundamentos mais enraizados nas interações sociais de interesse, isto é, a socialização moderna transitória.

É característico da coqueteria, em sua manifestação mais banal, o olhar de canto de olho, com a cabeça um pouco de lado. Nesse olhar, há um dar as costas a que ao mesmo tempo se vincula um entregar-se passageiro, uma voltada momentânea ao outro, a quem nesse mesmo momento se recusa simbolicamente, mantendo a cabeça e o corpo voltados a outra direção. (Simmel, 2020, pp. 118-119).

Os movimentos presentes nos jogos de sedução da coqueteria desvelam fenômenos de superfície como uma sociologia das pequenas manifestações do cotidiano, vistos por Simmel a partir do caráter lúdico do flerte. No sentido da forma, em acordo com o pensamento de Adorno, Kracauer mobiliza um gesto de pensamento que já se observa em Simmel. A montagem da obra *O ornamento da massa* segue a apresentação de uma configuração de gestos, manifestações de superfície e personalidades representativas do cenário histórico investigado pelo autor. Os ensaios de *O ornamento da massa* são rascunhos de pensamento que Kracauer anota, em um ensaio sobre Georg Simmel, uma característica fundante do ensaísmo sociológico: “O caminho do filósofo não termina nestas análises, mas passando por elas conduz a outras metas” (Kracauer, 2009, p. 244), isto é, o ensaísta encadeia pensamentos que, de sua própria natureza, devem ser encarados como um porvir. Um ensaio é o berço para um novo ensaio. O espírito do ensaísmo é o da criação constante. O ensaio, portanto, é um porvir do pensamento. O ensaio é aquilo que pode acontecer.

No mesmo ensaio sobre Simmel, Kracauer (2009) anota um atributo de Simmel como um educador: da condição antissistemática do seu pensamento, ele convida

seus ouvintes a refletir sobre a multiplicidade de comportamentos possíveis, daí investiga as diferentes configurações do objeto e suas conexões do fragmento rumo a uma totalidade. Diz Kracauer:

“Se muitas vezes fatos aparentemente banais são descritos de modo complicado, isto se deve ao esforço do filósofo de entender mesmo o mais simples dos fenômenos como símbolo, como algo que se refere a outras situações e acontecimentos.” (Kracauer, 2009, p. 278).

À guisa de conclusão dessa seção, vale a pena pensar na ideia de fotografia da vida cotidiana. Tal ideia aparece de forma rápida no livro de 1930, *Os empregados*, no qual Kracauer (2008) assinala que para a apreensão da realidade social não basta apenas a observação dos meandros das interações, é preciso também “fotografar a vida” na exposição dos conteúdos. Kracauer se volta nesta passagem à necessidade de o pensador superar a intenção positivista em sintetizar a vida em dados, mutilar os objetos em frações com o objetivo de encontrar uma representação da verdade. A partir da perspectiva do ensaísmo, é mais importante a forma como se diz, isto é, o modo como o relato encara os detalhes, descreve-os e, no final (provisório), apresenta uma narração sobre os seus movimentos. A narração ensaística visa, para Kracauer (e para Simmel), a apresentação da vida como um mosaico, imagem composta pelos fragmentos da modernidade.

PENSAR COM LÁPIS NA MÃO

Pensar com lápis na mão significa refletir através de rascunhos, desenhos provisórios, escritas rasuradas. Significa olhar para os traços borrados da vida. Olhar para enxergar o que antes estava invisível. Pensar com o lápis na mão é, portanto, uma forma de produção de uma narrativa metodologicamente orientada por uma concepção de crítica da cultura. Pensar com o lápis na mão, na forma do ensaísmo, afirma-se com o pensar que transita livre, mas pousa em sua liberdade no porto da crítica. É ali que se abastece, fortalece suas ferramentas e parte para os campos inexplorados dos fragmentos. Tal perspectiva aduz a um “método”, decididamente presente na perspectiva da forma ensaio. A palavra método aparece entre aspas porque o ensaísta no final das contas caminha sem método, ou, para pensarmos com Benjamin (2016) em seu livro sobre o *Trauerspiels*: “método é desvio”. O subtítulo aduz a frase que Adorno utiliza para propor uma aproximação entre o pensamento de Simmel e Kracauer, mas que podemos abstrair e generalizar para a própria prática do

intelectual ensaísta. Há nesse ponto uma complexidade para a compreensão desses autores. A sociologia contemporânea se estabelece na identidade com o método. As formas de especialização e o investimento metodológico da sociologia contemporânea reduzem o âmbito da interpretação como consequência. Simmel, Kracauer e Benjamin, em seus textos ensaísticos, sinalizam o método do pensar no exercício da liberdade do flamar sem rumo aparente. O “objetivo” combina-se com o compromisso de um olhar para a cultura orientado por uma concepção de crítica social.

A construção sociológica da realidade nos ensaios de Kracauer acompanha a perspectiva do pensar com lápis na mão. O autor desenha suas imagens sociais narrando pequenos momentos da vida cotidiana como se fossem “fotografias” de um instante. Tal procedimento acompanha e é marcadamente presente na forma de *O ornamento da massa*, conjunto de ensaios cujo fio argumentativo são as imagens de pensamento da vida moderna, a partir das lentes de um olhar para a cultura europeia do início do século XX.

Em *O ornamento da massa*, Kracauer apresenta um caleidoscópio da modernidade a partir dos fragmentos de vida. A arquitetura urbana, os materiais escolares, a dança contemporânea, a fotografia, as formas de arte burguesa, a recepção pública dos livros, os escritores famosos, a crise da ciência, são temáticas que se organizam em torno de uma totalidade movente aos olhos do leitor. Movente como a imagem inicial do ensaio *Garoto e touro*, que começa por apresentar o imobilismo da frase elíptica de uma gramática escolar: “Um garoto mata um touro” (Kracauer, 2009, p. 51), para ao final adquirir um princípio de ensaio vivo na apresentação do autor: “O sol arde na elipse. O garoto para imóvel e sorri cerimonioso.” (Kracauer, 2009, p. 52). Há o princípio fundamental dos ensaios dedicados aos pequenos momentos da vida cotidiana à perspectiva de movimentar o objeto mediado pela escrita. O pensador da sociedade expressa sua interpretação por uma forma narrativa que abarca os próprios movimentos do objeto. Não é a teoria que amarra os temas e os classifica; ao pensador, cabe reavivar o conjunto de experiência imanentes do objeto. Kracauer rascunha a construção de uma sociologia dos pequenos gestos cotidianos como um ato de narração dos movimentos do objeto.

Tal procedimento de exposição ensaísta pode ser entendido a partir de uma imagem de pensamento. O movimento de um folioscópio. Os folioscópios são livretos de imagens populares no século XIX. Os desenhos encadeados no formato de um livro são feitos para o movimento. Colocados entre os dedos e folheando-os de forma rápida, as imagens ganham forma de um movimento. Cada página sinaliza um movimento sutil da imagem inicial. Aos poucos se vê uma imagem estática assumir os contornos de um movimento. Os folioscópios são as formas originárias da animação. Pequenos cinemas formados a partir do papel e lápis.

Os folioscópios nos servem como uma metáfora para compreender o procedimento ensaístico de Kracauer. Ao tentar dar conta dos movimentos do objeto, é preciso superar as formas essencialmente científicas de produção do conhecimento sobre a realidade. Na perspectiva da produção de rascunhos sobre as coisas, no narrar ensaístico, cabe interpretar situações efêmeras, interações momentâneas, e as conectar com um todo social. No fazer essencialmente científico, ao contrário, vale classificar, estabilizar e definir de forma rígida. Em *O ensaio como forma*, Adorno (2003) defende o ensaio como uma das formas da teoria crítica da sociedade, na medida em que é a partir da sua forma que se pode refletir sobre os movimentos vivos do objeto e sua conexão com a totalidade social. O ensaísta tem como tarefa dar voz às experiências históricas e conceituais do objeto. Ainda segundo Adorno (2003), a forma ensaio encontra-se na fronteira entre arte e ciência, já que, mesmo se munido de questionamentos oriundos do mundo do saber acadêmico, ela também incorpora intenções poéticas de apresentação de sua interpretação. Para ele, o cientificismo mutila os objetos e os particulariza tendo em vista a classificação das partes, sendo, dessa maneira, uma forma de se relacionar com o conhecimento sistemático. Na contracorrente do cientificismo, o ensaio visa o rompimento com a ideia de sistema, ao interpretar o objeto a partir da reunião das suas próprias experiências. Mas, acima de tudo, o ensaio afirma-se na ideia de ser sempre uma tentativa, rascunho, observação provisória. Eis aqui sua necessidade incessante de se modificar e, além disso, o ensaísmo é a reunião de fragmentos: “O ensaio pensa em fragmentos, uma vez que a própria realidade é fragmentada; ele encontra sua unidade ao buscá-la através dessas fraturas, e não ao aplinar a realidade fraturada.” (Adorno, 2003, p.35).

OS ORNAMENTOS

Organizado em 1963, o livro *O ornamento da massa* apresenta uma importante imagem do pensamento ensaístico e sociológico de Kracauer. Como uma constelação de ensaios sobre a vida cotidiana, o livro é um olhar para os fragmentos da modernidade - como o gesto fotográfico, a recepção literária e o seu público, o ato de esperar, a crise da ciência e a recepção de escritores como Kafka e Benjamin.

O ponto decisivo para nossa discussão é o modo como Kracauer monta uma imagem sociológica da sociedade alemã a partir do conjunto de fragmentos presentes no livro. A sociedade alemã interpretada por Kracauer envolve a estética no conjunto de contradições do capitalismo racional moderno. Kracauer desenvolve a ideia a partir da incorporação da estetização às lógicas de consumo mercadológico. No ensaio *A viagem e dança*, Kracauer mostra o modo como a forma estética do movimento do viajante e do ato da dança são racionalizados num jogo de aquisição de experiências de consumo. A racionalidade técnica no capitalismo é tão profundamente arraigada na sociedade moderna que, mesmo os movimentos livres do viajante e do dançarino, são colocados numa lógica de administração.

A viagem e a dança como movimentos de parte da superfície são representativas de um *ethos* social da modernidade. Se em contextos pré-modernos a viagem tem um sentido existencial de descoberta do novo a partir de experiências não esperadas, na modernidade a viagem torna-se uma experiência domesticada pela lógica do mercado. Ao viajante, é reservada toda uma gama de experiências moduladas e pré-fabricadas como um produto como qualquer outro dentro do capitalismo. De forma semelhante à dança, que, para Kracauer, também expressa elementos de alienação, na medida em que o gesto e o ritmo colocam-se exclusivamente dedicados ao movimento sem trama, isto é, o ato de dançar coloca-se como algo do movimento para o movimento.

A viagem e a dança como fragmentos da totalidade moderna revelam sintomas de uma tendência para a formalização e a alienação do indivíduo moderno. As experiências estão não somente descontextualizadas de seus cenários culturais, como também seguem padrões de orientação e administração do capitalismo. É como se para Kracauer os elementos criativos de vida se diluíssem rumo à padronização,

ou seja, mesmo as experiências estéticas e de arte são absorvidas pela administração capitalista e colocam os indivíduos em vivências mecanizadas.

É importante observar que o gesto de montagem de Kracauer acompanha um procedimento intelectual de *Kulturkritik*. A ideia de crítica cultural (desenvolvida também por Simmel) aproxima o olhar ensaísta com o exame do crítico da sociedade². A crítica de Kracauer é estética, mas também sociológica na medida em que sinaliza o rapto da cultura pelo capitalismo. Pensando a questão da administração das experiências de viagem, Simmel desenvolve um argumento semelhante quando discute o surgimento dos turistas antiestéticos na modernidade (Santos, 2021). Para Simmel, a viagem antiestética é aquela que segue a padronização autoimposta por uma administração da experiência - argumento próximo ao que Kracauer utiliza antes e depois quando aponta na racionalização da vida um problema dos modernos.

As potências que conduzem à mecanização não transcendem nem o espaço nem o tempo. Vivem da graça de um intelecto que não conhece graça. Na medida em que crê poder experimentar o mundo com base em pressupostos mecanicistas, se libera em relação ao mais além e leva a realidade a um estado desvanecimento pelo homem que se situa mais além do espaço e do tempo. Este intelecto tornado autônomo engendra a técnica e conduz a uma racionalização da vida e submete a vida à técnica. [...] *A técnica torna-se fim em si mesma que dá origem a um mundo que, dito de modo vulgar, não deseja mais do que a tecnicização de todos os acontecimentos.* (Kracauer, 2009, pp.85-86, grifos nossos)

Dos fenômenos de superfície da viagem e da dança Kracauer, ensaia um olhar sociológico para o todo social. No mesmo livro, temos o exemplo de uma análise do tédio no ensaio *Aqueles que esperam*. Kracauer mostra como o ambiente indiferente da grande cidade moderna resguarda novas dinâmicas internas de socialização. O ato de espera em sua aparência de individualidade é complementado por uma visão sociológica para o autor, na medida em que o tédio é um momento de fuga das pressões sociais vindas do trabalho.

Do olhar para o ato social da espera, Kracauer sublinha uma tese sobre o esvaziamento espiritual na modernidade. O indivíduo livre das amarras estamentais e

² A *kulturkritik* é uma postura intelectual presente na formação da sociologia alemã. A ideia central da crítica cultural é da realização de um duplo movimento: análise e crítica. Os pensadores alemães alinhados a *kulturkritik* investigam os problemas da modernidade da mesma forma que criticam os elementos que julgam como patológicos. Os problemas como a alienação, a preponderância da técnica, a desumanização, são lidos por esses críticos da cultura como expressões patológica do desenvolvimento da modernidade capitalista. Para Berlan (2014) a *Kulturkritik* portanto é um elemento de identidade intelectual de crítica à modernidade.

religiosas encontra-se naquele cenário sob o julgo do isolamento no contexto das grandes cidades. Diz Kracauer: “Acrescenta-se a isso que essas pessoas são atingidas pela maldição do isolamento e da individuação. A tradição perdeu o seu poder sobre elas.” (Kracauer, 2009, p.151). O ato de esperar, portanto, como fragmento social, apresenta-se como um sintoma da solidão nas grandes cidades. Kracauer observa nessa nova dinâmica interativa os sinais do declínio dos laços de comunidade que congregavam os sujeitos sociais. A solidão na grande cidade aproxima-se da tese de Simmel no ensaio *As grandes cidades e a vida do espírito* de 1903, no qual o autor situa a modernidade sob o império do intelectualismo, isto é, as socializações passam a ser regidas por critérios racionalizados de interação. Na grande cidade, nesse sentido, reina a indiferença entre os indivíduos, na medida em que, as possibilidades de aproximação afetivas se reduzem tendo em vista a normatividade da frieza contável moderna. Os resultados sociológicos para essas teses, aqui tanto para Simmel como para Kracauer, são interações orientadas para o âmbito de uma cultura objetiva. O retorno à interioridade, ao subjetivo, torna-se paulatinamente cada vez mais restrito aos próprios indivíduos. A modernidade impõe, portanto, regimes cada vez mais complexos de individualização e de isolamento.

Uma vez que estas pessoas carecem de vínculos e base firme [*Haft und Grund*], os seus espíritos andam à deriva, e o seu lar está em todo e nenhum lugar. Elas atravessam a infinita variedade de fenômenos espirituais/intelectuais - o mundo da história, dos eventos anímicos, da vida religiosa - como indivíduos isolados e não se detêm mais diante de nada, ou estão igualmente próximos e igualmente distante de todas as circunstâncias. (Kracauer, 2009, p. 151)

O elemento central da citação é o desenraizamento do indivíduo moderno. O desenraizamento da tradição e os conceitos de liberdade que perpassam o entendimento sobre o moderno e a individualização são temas centrais para a sociologia clássica. Kracauer aqui apresenta uma tese sobre o tema a partir de um tímido ensaio sobre o ato de esperar. É importante notar a forma como o ensaio articula elementos da vida cotidiana a reflexões mais profundas do ponto de vista de uma sociologia da solidão. O ato de esperar coloca o indivíduo num contínuo porvir. Para Kracauer, a espera dos modernos mostra-se como um problema: eles não sabem o que os esperam; sendo assim, permanecem no vazio da existência. No ensaio *Aqueles que esperam*, a alienação é examinada a partir da solidão da espera.

Na perspectiva de uma crítica cultural, aqueles que esperam se veem voltados para uma promessa anunciada em forma kafkiana: eles não sabem quem prometeu e muito menos o que foi prometido.

IMAGENS DE PENSAMENTO: CORRESPONDÊNCIAS BENJAMIN E KRACAUER

O ensaio como uma forma de apresentação da vida cotidiana foi utilizado por Kracauer para apresentar o caráter fragmentário da vida social. Nessa postura intelectual do ensaísmo alemão, tal como presente em Simmel, podemos observá-la em outro pensador contemporâneo a Kracauer: Walter Benjamin. Pensemos aqui a obra *O ornamento da massa* de Kracauer junto à obra *Rua de mão única* de Walter Benjamin; ambas se propõem a apresentar imagens de uma realidade social que impõe a partir do fragmento. A modernização europeia provoca na intelectualidade a necessidade de dar conta de tudo aquilo que se mostra como efêmero, isto é, de tudo que se apresenta como um fenômeno do instante.

Se pensarmos a origem da concepção da modernidade como o instante do efêmero, podemos recorrer a Charles Baudelaire que diz: “A modernidade é o transitório, o fugidio, o contingente, a metade da arte, cuja outra metade é o eterno imutável.” (Baudelaire, 2010, p.35). O ensaio é a forma que, por suas características antissistemáticas e flexíveis, permite a reflexão intelectual que se dedica aos traços contingentes do moderno. No ensaio, o pequeno gesto interativo do cotidiano, o traço mais superficial de vida, passa a ser valorizado como uma grande narrativa para o ensaísta. Sob esse espírito, Kracauer e Benjamin desenham suas obras como imagens do pensamento [*Denkbilder*]. As imagens de pensamento são crônicas sobre a vida cotidiana moderna. Kracauer e Simmel reabilitam a forma ensaio para a compreensão do espírito do tempo moderno contribuindo para uma tradição de pensamento sociológico que nasce a partir do ensaísmo simmeliano.

No ensaio *O ornamento da massa*, Kracauer apresenta os contornos da interpretação das manifestações de superfície que são o foco do seu olhar como pensamento da modernidade. Uma análise profunda do espírito de uma época pode ser encontrada em pequenos gestos, nos movimentos que vimos como os de superfície e pequenas manifestações do cotidiano. As situações de socialização no qual o tempo histórico apresenta-se como uma novidade.

O lugar que uma época ocupa no processo histórico pode ser determinado de modo muito mais pertinente a partir da análise de suas discretas manifestações de superfície do que dos juízos da época sobre si mesma. Estes, enquanto expressão de tendências do tempo, não representam um testemunho conclusivo para a constituição conjunta da época. Aquelas, em razão de sua natureza inconsciente, garantem um acesso imediato ao conteúdo fundamental do existente. Inversamente, ao seu conhecimento está ligada sua interpretação. O conteúdo fundamental de uma época e os seus impulsos desprezados se iluminam reciprocamente. (Kracauer, 2009, p. 91).

A tarefa do intelectual, portanto, é interpretar os fenômenos de superfície em seus sentidos singulares, acompanhar seus movimentos históricos e dar vida às experiências históricas documentadas em sua apresentação. As manifestações de superfície são, portanto, os sintomas sociológicos de uma época captados pelos intelectuais para uma interpretação do espírito do tempo. No ensaio *O ornamento da massa*, Kracauer estabelece os pressupostos para a compreensão de sua postura como ensaísta sociológico alemão.

No conjunto de ensaios e fragmentos que compõem o livro *Rua de mão única*, de Walter Benjamin, temos o gesto do ensaísta que almeja realizar uma montagem de sua época a partir de fragmentos sociológicos. Os seus ensaios têm a perspectiva de harmonizar o caráter crítico do ensaísmo de interpretação junto a uma musicalidade própria dos gêneros poéticos no quais são preenchidas por metáforas e que configuram sentido para atividade intelectual: “O trabalho em uma boa prosa tem três degraus: um musical, em que ela é composta, um arquitetônico, em que ela é construída, e, enfim, um têxtil, em que ela é tecida.” (Benjamin, 1987, p.27). As percepções sobre as transformações modernizantes na Berlim de Benjamin são o mote essencial para a construção do livro de ensaios *Rua de mão única*.

As obras para a produção da Berlim moderna, a técnica racional de produção e os novos hábitos individuais são analisados por Benjamin a partir do olhar de uma criança, do sonhador e do crítico. Esses três personagens em comum possuem o caráter do despertar. A criança estranha a vida no processo de amadurecimento, o sonhador ao colocar-se em vigília e o crítico ao realizar uma espécie de cartografia da cultura.

Sobre a criança, Benjamin exalta o gesto de encanto com a vida na qual cada momento torna-se colecionável. Há nela uma percepção mais tarde compartilhada por todos os modernos: os momentos se dão na efemeridade do instante, sendo assim, a ela cabe “arrumar” aquilo que se dá de forma inconstante. “Para ela tudo se passa

como em sonhos: ela não conhece nada permanente; tudo lhe acontece, pensa ela, vai-lhe de encontro, atropela-a.” (Benjamin, 1987, p.37). O sonhador benjaminiano atravessa o tempo como um observador onipresente. Nas páginas de *Rua de mão única*, ele está presente nas florestas mexicanas da mesma maneira que se encontra presente em um encontro com Goethe. Benjamin, assim como os surrealistas, faz do sonho objeto de criação. Essa associação não é ocasional: foi Benjamin um dos primeiros pensadores a reconhecer os potenciais críticos das vanguardas surrealistas. Tanto que o sonho demarca uma própria forma investigativa da vida moderna: “Em sonho vi-me em uma região erma. Era a praça do mercado de Weimar. Ali eram feitas escavações. Eu mesmo raspei um pouquinho na areia. Então apareceu a ponta de uma torre de igreja.” (Benjamin, 1987, p. 26). O sonhador realiza propriamente escavações de pensamento. A matéria para o refletir sobre a superfície encontrada no sonho alimenta a necessidade de se investigar (escavar) as experiências históricas da vida moderna. Um terceiro gesto encontrado em *Rua de mão única* é o do crítico. Aqui, não se trata mais de uma metáfora como a da criança e a do sonhador, mas sim de uma postura intelectual de investigação. A crítica para Benjamin é uma tomada de posição frente ao mundo moderno.

Para Benjamin, a crítica precisa ser reabilitada, isto é, ser pensada como uma técnica do escritor. Há aqui um aspecto central do próprio ensaísmo benjaminiano: a ideia de que o crítico percorre os movimentos vivos do seu próprio objeto, a saber, reaviva e celebra a cultura em seus fragmentos dispersos.

Para os grandes, as obras acabadas têm peso mais leve que aqueles fragmentos nos quais o trabalho se estira através de sua vida. Pois somente o mais fraco, o mais disperso encontra sua incomparável alegria no concluir e se sente como isso desenvolvido à sua vida. Para o gênio, toda e qualquer cesura, os pesados golpes do destino como o suave sono, cai na industriiosidade de sua própria oficina de trabalho. E o círculo de sortilégio dela, ele o traça no fragmento. “Gênio é industriiosidade”. (Benjamin, 1987, p.14).

A crítica benjaminiana nos aforismas e ensaios de *Rua de mão única* tem a forma da fragmentação: o olhar do ensaísta para as apresentações efêmeras e de superfície da cultura e sua perspectiva de montagem de mosaicos. A postura dessa crítica ensaísta pode ser vista em metáforas utilizadas por Benjamin em muitos dos seus trabalhos, como a do mosaico e a da constelação. Ambas sinalizam um caráter disperso da apresentação do conhecimento, mas também uma reapresentação numa

totalidade movente. A totalidade não é algo dado organicamente pelo objeto, ao contrário, ela se realiza nas mediações e, sobretudo, na tomada de posição do intelectual. É o pensador que realiza a montagem dos fragmentos de superfície na vida moderna. Compõem mosaicos a partir de imagens de pensamento dadas de forma fragmentária.

Nessa chave, podemos ler as obras *O ornamento da massa*, de Kracauer, e *Rua de mão única*, de Benjamin. São obras que apresentam uma interpretação do tempo a partir de pequenas “fotografias” da vida moderna. Como imagens do tempo, elas traduzem duas coisas. Em primeiro lugar, o caráter antissistemático da apresentação do conhecimento e os desafios intelectuais decorrentes dessa natureza. Em segundo lugar, os potenciais da forma ensaio como teoria do conhecimento.

A tarefa do crítico, pensando uma imagem apresentada por Benjamin, seria a de acionar os alarmes de incêndio, isto é, olhar para a vida moderna e refletir sobre os sintomas da crise da cultura. No aforisma *Alarme de incêndio*, Benjamin sublinha o caráter essencial de uma crítica totalizante à modernidade capitalista.

A representação da luta de classes pode induzir em erro. Não se trata nela de uma prova de força, em que seria decidida a questão: quem vence, quem é vencido? Não se trata de um combate após cujo desfecho as coisas irão bem para o vencedor, mal para o vencido. Pensar assim é encobrir romanticamente os fatos. Pois, possa a burguesia vencer ou ser vencida na luta, ela permanece condenada a sucumbir pelas contradições internas que no curso do desenvolvimento se tornam mortais para ela. A questão é apenas se ela sucumbirá por si própria ou através do proletariado. A permanência ou o fim de um desenvolvimento cultural de três milênios são decididos pela resposta a isso. A história nada sabe da má infinitude na imagem dos dois combatentes eternamente lutando. O verdadeiro político só calcula em termos de prazos. E se a eliminação da burguesia não estiver efetivada até um momento quase calculável do desenvolvimento econômico e técnico (a inflação e a guerra de gases o assinalam), tudo está perdido. Antes que a centelha chegue à dinamite, é preciso que o pavio que queima seja cortado. Ataque, perigo e ritmo do político são técnicos - não cavalheirescos. (Benjamin, 1987, pp.45-46).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A ESTÉTICA SOCIOLÓGICA

Dos argumentos expostos até aqui, podemos tecer algumas notas de conclusão. O ensaísmo está para além de uma forma de apresentação de pensamentos; se investigarmos o seu papel na tradição intelectual alemã moderna, observaremos que ele é um ponto de contato de identidade entre diversos pensadores. Tal identidade intelectual pode ser lida na chave da produção de um

pensamento que se dedica às reflexões do mundo moderno a partir de um duplo olhar que tanto é sociológico como também é artístico. O ensaísmo é uma forma no entre-lugar de crítica e de arte, sociológico e poético. Sociológico no sentido que se dedica à compreensão das relações sociais e sua expressão nos fenômenos de superfície e nos jogos de relações sociais modernas. Artístico no sentido que entende o texto escrito como um texto também poético, semiliterário, ou seja, uma forma híbrida. O ensaio é a forma de fronteira, a ponte de que liga a ciência e a arte.

Ao olharmos para a história intelectual, percebemos que o ensaísmo mostrou-se como decisivo para a intelectualidade alemã. Como argumenta Wolf Lepenies (1996), no cenário de consolidação da sociologia e profissionalização das ciências no século XIX a literatura foi cada vez mais afastada do pensamento científico. Na França, esse processo se dá de forma decisiva na separação fechada entre o escritor e o cientista. No entanto, quando olharmos para a história alemã, observarmos um trânsito maior de pensadores que se dedicam à ciência como também à poesia, como é o caso de Nietzsche, Dilthey e Stefan George. Há uma forma de reflexão alemã que aproxima o pensamento científico à forma de se refletir na literatura. Para Lepenies (1996), a aproximação de Simmel ao círculo de poetas de Stefan George é um exemplo da mediação entre poesia e ciência no que vai argumentar como uma estetização da sociologia.

A estetização sociológica congrega o ensaísmo com as pretensões de reflexões sobre a vida em sociedade. A estetização do pensamento, para Nisbet (1977), situa a sociologia como uma forma de arte, na medida em que demonstra não apenas as afinidades eletivas entre o cientista e o artista, mas apresenta o conjunto de conexões criativas e expressivas essenciais à ciência e à arte. Nisbet argumenta sobre as fontes imaginativas presentes na arte e seu papel na invenção científica. Ao comentar sobre a sociologia de Simmel, Nisbet (1997) destaca que quando o autor dedica-se aos fenômenos urbanos a sua apresentação aviva o caráter emocional das relações individuais ao mesmo tempo que apresenta retratos de um momento social.

Estetizar a sociologia, portanto, é apresentar a partir do pensamento ensaístico os traços mais singulares presentes na vida moderna, como vimos em Kracauer, Simmel e Benjamin. A posição de uma identidade intelectual em torno da estetização da sociologia pode ser vista em termos de uma herança epistemológica, conforme a

tese de Patrícia da Silva Santos (2016)³. Para a autora, a aproximação de Kracauer da sociologia em muito se deve à proposta de pensamento de Simmel, como já vimos antes com Adorno. No entanto, se pensarmos a questão da identidade intelectual desses autores de forma mais ampla, veremos que a sociologia dedicada às formas de interação e aos fenômenos de superfície floresce a partir de uma teoria do conhecimento crítica, especificamente a de valorização dos fenômenos de superfície: “Por outro lado, há a exposição diferenciada de como essa apreensão da realidade é possível: a partir de manifestações de superfície.” (Santos, 2016, pp.159-160).

A estetização da sociologia e as reflexões epistemológicas que dela derivam compõem mais uma camada da identidade intelectual de Kracauer, Simmel e Benjamin. David Frisby (1986), no livro *Fragmentos da modernidade*, defende a análise dos fenômenos fragmentários (e os de superfície) como desafios para as propostas de teoria social de Kracauer, Simmel e Benjamin. Do ponto de vista das particularidades dos fenômenos fragmentários, os autores apostam no que Frisby (1986) chama de uma arqueologia da vida moderna, a saber, um olhar para a construção de interpretações presentes nas experiências históricas do objeto. O pensador escava, examina, esboça e apresenta as experiências dispostas de forma fragmentária e realiza a exposição de um mosaico de pensamento.

No ensaio *Politização da inteligência*, de 1930, que Benjamin dedica a uma visada sobre a obra *Os empregados* de Kracauer, sintetiza a identidade intelectual do crítico ensaísta.

Em última análise, esse autor apresenta-se assim: um solitário. Um descontente, não um líder. Não é um fundador, mas um desmancha-prazeres. E se quisermos imaginá-lo na solidão de suas atividades e intenções, é assim que o vemos: um trapeiro, de madrugada, que com sua vara espeta os trapos e farrapos da linguagem para jogá-los, resmungando, meio emburrado, meio bêbado, na sua carreta, não sem deixar tremular ironicamente, no vento matinal, uma ou outra dessas chitas desbotadas, como “humanidade”, “interioridade”, “aprofundamento”. Um trapeiro, de manhã cedo - no raiar do dia da revolução.” (Benjamin, 1986, p. 120).

³ No livro *Sociologia e superfície: uma leitura dos escritos de Siegfried Kracauer até 1933*, Patrícia da Silva Santos desenvolve um amplo retrato intelectual de Kracauer e seus diálogos, conflitos e proposições em seu contexto intelectual e histórico. A autora desenvolve a tese sobre a herança epistemológica entre Kracauer, Benjamin e Simmel: “Quando Kracauer, por exemplo, em seu ensaio sobre Benjamin, ressalta o método ‘monadológico’ em detrimento do sistema filosófico, sobretudo em dois textos: A origem do Drama barroco alemão e Rua de mão única, faz o elogio dessa espécie de epistemologia que ambos aprenderam, ao menos parcialmente, com Georg Simmel. E Benjamin retribui, destacando elogiosamente a mesma característica, ao resenhar *Os empregados* e conceder ao seu autor o adjetivo de ‘trapeiro’, que chega para juntar os cacos ‘na alvorada do dia da revolução’.” (SANTOS, 2016, p.62).

Em conclusão, a partir dos ensaios de Kracauer presentes no livro *O ornamento da massa*, tecemos o fio sobre uma reflexão a respeito da relação entre o ensaísmo e uma identidade intelectual alemã, a saber, em Georg Simmel e Walter Benjamin. Ao analisar a herança intelectual dos autores, tecemos a tese do ensaio como imagem de pensamento. Ao ensaísta, cabe a tarefa de pensar por esboços, rascunhos, formas provisórias de interpretação dos fragmentos. Como o trapeiro, o ensaísta dedica-se à montagem dos cacos da história.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas cidades/Editora 34, pp.15-48, 2012 [1954-1958].

_____. Teses sobre sociologia da arte. In: **Sem diretriz: Parva aesthetica**. São Paulo: Editora Unesp, pp. 147-158, 2021.

_____. **O curioso realista**. Novos Estudos CEBRAP, n. 85, p. 5-22, nov. 2009.

BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010.

BENJAMIN, Walter. A politização da inteligência. In: **Documentos da cultura, documentos da barbárie: escritos escolhidos**. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1986 [1930].

_____. **Origem do drama trágico alemão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

_____. Rua de mão única. In: **Walter Benjamin - Obras escolhidas II**. São Paulo: editora brasiliense, 1987.

BERLAN, Aurélien. **La Kulturkritik y la formación de la sociología alemana: Ferdinand Tönnies, Georg Simmel y Max Weber**. *Revista Colombiana de Sociología*, Bogotá, vol. 37, n. 1, pp. 195-198, 2014.

FRISBY, David. **Fragments of modernity – Theories of modernity in the work of Simmel, Kracauer and Benjamin**. Londres: Routledge, 1986.

KRACAUER, Siegfried. **O ornamento da massa**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

_____. **Los empleados**. Barcelona: Gedisa, 2008.

_____. **Jacques Offenbach und das Paris seiner Zeit**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1994.

LEPENIES, Wolf. **As três culturas**. São Paulo: EdUSP, 1996.

NISBET, Robert. **Sociology as an Art Form**. Nova Iorque: Oxford University, 1977.

SANTOS, Patrícia da Silva. **Sociologia e superfície: uma leitura dos escritos de Siegfried Kracauer até 1933**. São Paulo: Unifesp, 2016.

SANTOS, Wanderson Barbosa dos. **A estética do momento – sociologia das pequenas manifestações do cotidiano**. Revista Contraponto, v.9, n.1, pp. 122-145, 2022.

_____. **O todo e as partes – a forma ensaio e seu significado sociológico no pensamento de Georg Simmel e Walter Benjamin**. Revista Sociologias Plurais, v.7, n. 3, pp. 105-126, 2021.

SIMMEL, Georg. **Cultura filosófica**. São Paulo: Editora 34, 2020.

_____. Die Großstädte und das Geistesleben. In: _____. **Aufsätze und Abhandlungen, 1901-1908**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, pp. 116-131, 1995 [1903].

Artigo recebido em 31 de janeiro de 2024.

Aprovado em 29 de junho de 2024.